

RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E SEUS PRINCIPAIS PARCEIROS: DESAFIOS PÓS-PANDEMIA DO COVID-19

TRADE RELATIONS BETWEEN BRAZIL AND ITS MAIN PARTNERS: CHALLENGES AFTER THE COVID-19 PANDEMIC

Paulo Vitor Amorim Neves¹

Resumo:

Este artigo trata das relações comerciais brasileiras, em 2021, com relação aos seus principais países parceiros na corrente de comércio do Brasil e as prospecções para 2022 na atual situação da inserção internacional no pós-pandemia da COVID-19 e a recuperação da economia nacional brasileira. Os caminhos percorridos pelo Brasil nas relações com a China, Estados Unidos e a Argentina, e como, a partir das eleições de 2018 alguns caminhos se ampliam e outros se encurtam para o acesso nacional ao desenvolvimento do país. Constatando a paridade de governos e o envolvimento da política na tomada de decisão dos assuntos internacionais, trata-se de uma problemática politicamente partidária, onde os resultados da pesquisa apontam um futuro incerto nas relações comerciais. Contudo, há uma relação de cooperação para a estabilidade internacional acerca dos problemas causados pela pandemia e como a ajuda mútua poderá ser um dos fatores principais para a nova inserção na corrida econômica internacional.

Palavras-chave: Comércio do Brasil; COVID-19, pós-pandemia.

Abstract:

This article deals with Brazilian trade relations in 2021 with respect to its main partner countries in Brazil's trade flow and the prospections for 2022 in the current situation of international insertion in the post-pandemic of COVID-19 and the recovery of the Brazilian national economy. The paths taken by Brazil in relations with China, the United States and Argentina, and how, from the 2018 elections some paths widen and others shorten for national access to the country's development. Noting the parity of governments and the involvement of politics in the decision making of international affairs, this is a politically partisan issue, where the results of the research point to an uncertain future in trade relations. However, there is a relationship of cooperation for international stability about the problems caused by the pandemic and how mutual aid could be one of the main factors for the new insertion in the international economic race.

Keywords: Brazil's trade; COVID-19; post-pandemic.

¹ Universidade UniEVANGÉLICA de Goiás (paulo.vneves11@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O comércio exterior caracteriza-se como uma importante fonte de divisas, emprego e renda para um país, trata-se de um ponto de incentivo econômico que historicamente mobilizou civilizações e garantiu a expansão do mundo conhecido, os avanços tecnológicos e uma maior distribuição da riqueza e do desenvolvimento econômico.

No Brasil não se fez diferente, desde a chegada da corte portuguesa e a abertura dos portos, se fez as primeiras relações internacionais em que tempos depois se atualizaria e começaria a crescer e desenvolver mais e mais a nação brasileira. As nações se incitam em ter relações comerciais com as outras, é necessário, elas são um constante monitor de riquezas. Se a produção for algo com baixo valor agregado pode-se exportá-la e se a produção de um bem for mais cara que a de adquiri-lo, haveria a importação, teoria básica internacional proposta por DAVID RICARDO (1817) em seu livro: “*The Principles of Political Economy and Taxation*”.

Nesse contexto se apresenta o comércio exterior e as relações internacionais entre os países, onde vai a ser abordado neste artigo, não só a corrente de comércio dos principais parceiros comerciais do Brasil, mas também sobre as relações estabelecidas pelo Brasil com a China, Estados Unidos e a Argentina, que em 2021 foram os três principais parceiros comerciais da nação brasileira. Neste presente trabalho será aprofundado a realidade nas relações dentre esses tais países. Exploração, política e região, todas, formas de se estabelecer contato e influência em algo ou como aqui se verá: países.

OS PRINCIPAIS PARCEIROS ECONÔMICOS DO BRASIL

O Comércio Exterior brasileiro abre em 2022 com superávit e recordes de exportação, de acordo com o Secex (Secretaria do Comércio Exterior). O que vem ocorrendo desde o ano passado (2021) está implicando uma nova onda de transações em que a partir dos meses a economia brasileira possa ir se restaurando devido à pandemia do COVID-19.

Em maio de 2021 o Brasil registrou recordes de exportações - US\$ 26,9 Bi- e superávits de 50,6% em relação ao mês de maio de 2020, mesmo que limitando-se a recordes similares neste mês, fez se agradável a situação de instabilidade nacional criada pelo coronavírus. Em contrapartida, logo em janeiro de 2022 as exportações cresceram em cerca de 25,3%, favorecendo a corrente de comércio que com exportações e importações subiu 25% e batendo o valor de US\$ 39,52 bilhões.

Logo em fevereiro de 2022, a balança comercial fechou em US\$ 4.05 bilhões, tendo um superávit de 108,9% em relação ao mês de fevereiro do ano anterior de acordo com o Siscomex (Sistema integrado de Comércio Exterior). Ainda neste mês houveram recordes de exportações quanto de importações batendo um valor histórico na corrente de comercio com US\$ 41,78 bilhões, demonstrando um alta de 28%.

Através dos sistemas de exportações e importações de um país pode-se estabelecer quem são os seus principais parceiros nas relações internacionais, aqueles que obtém uma troca comercial mais interligada e demandada. Nessas relações precisas, as vantagens de se ter países que dispõe de uma maior dependência podem trazer mais proximidades entre os dois - ou mais- Estados vigentes.

Com a alta no dólar e o crescimento dos preços das “commodities” a balança comercial brasileira registrou um superávit de US\$ 61 bilhões em 2021 segundo divulgado pelo Ministério da Economia, onde o mesmo ente divulgou a lista com os principais parceiros comerciais do Brasil. Veja nos rankings abaixo:

Principais países nas relações de exportações brasileiras em 2021

1. China: US\$ 87,696 bilhões (31,28%)
2. Estados Unidos: US\$ 31,104 bilhões (11,09%)
3. Argentina: US\$ 11,881 bilhões (4,24%)
4. Países Baixos (Holanda): US\$ 9,304 bilhões (3,32%)

5. Chile: US\$ 6,998 bilhões (2,50%)

Entre os países, a China continuou no topo da balança com aumento de 28%, destacando-se também a alta nas exportações para a Argentina com 40%, e os EUA com 44,9% em relação ao ano anterior.

Principais países nas relações de importações brasileiras em 2021

1. China: US\$ 47,651 bilhões (21,72%)
2. Estados Unidos: US\$ 39,382 bilhões (17,95%)
3. Argentina: US\$ 11,948 bilhões (5,45%)
4. Alemanha: US\$ 11,346 bilhões (5,17%)
5. Índia: US\$ 6,728 bilhões (3,07%)

Na balança de importações com cerca de 5% de diferença a China mantém o primeiro lugar com um aumento de 36,7% e logo depois os Estados Unidos com 41,3%. Tem se em progresso os números feitos pela Argentina totalizando um aumento de 51,3% nas importações.

• Fatores nas relações comerciais entre os países

De acordo com Jan Tinberger (1962), as relações dos países são de acordo com a proporção do seu tamanho e proximidade, relação esta, feita com os planetas e suas áreas gravitacionais dados em sua teoria de análise de fluxos “equação gravitacional” derivada da teoria gravitacional de NEWTON (sec. XVII).

Neste sistema de relações o tamanho em contexto atual é dado pelo seu Produto Interno Bruto (PIB), colocando-se o valor na atração que se faz com o maior destaque na economia, podendo atrair mercados em favor de relações comerciais. Ainda, em sua tese elabora o sentido de proximidade, onde dão-se por econômica e é relacionada pelos custos do comércio, ou seja, quanto mais distante economicamente maior tem-se os custos de comércio.

Contudo sendo este um modelo flexível, em relação a nível internacional de interesses é de quesito único os interesses dos Estados entre os Estados, além da necessidade de certos produtos terem uma maior rentabilidade mesmo que

de distância maiores como por exemplo o Brasil e a China sendo grandes parceiros econômicos e de fato tendo nessa relação a falta de proximidade geográfica onde que defendido em KRUGMAN (1980) é um fator positivo para as relações entre países.

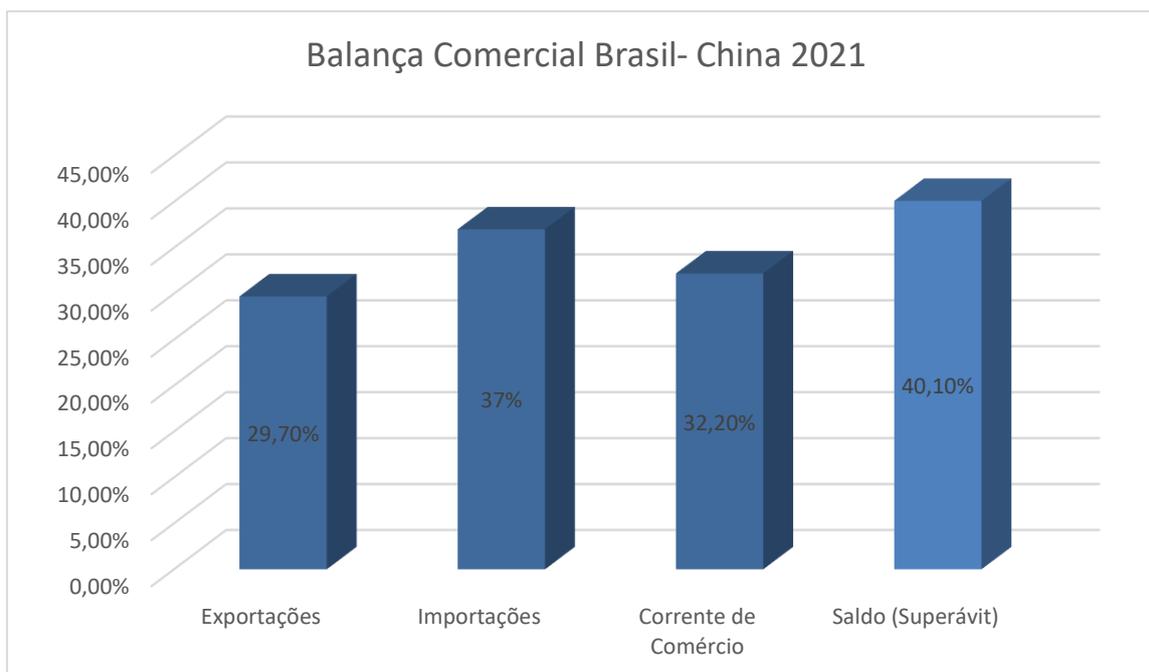
De balanço de poder, à relativos geográficos e até as influencias econômicas as relações comerciais brasileiras se tornam cada vez mais destaque no cenário internacional, em maior parte entre esses três países: China, Estados Unidos e Argentina, respectivamente, onde em 2021 foram os três principais parceiros econômicos do Brasil na corrente de comércio e serão os temas tratados mais a frente neste documento.

A RELAÇÃO COMERCIAL BRASIL E CHINA

Em uma relação de aproximações e recuos ao longo dos anos, especialmente no governo Lula (2003- 2011) quando o afloramento entre os dois países se fez necessário para o crescimento econômico na visão multilateral do governo. A inserção na competitividade internacional do Brasil cria uma relação dita “sino-brasileira” que se destaca em meio comercial trazendo estreitamentos nos parceiros econômicos Brasil e China.

Em uma parceria estratégica por mais de anos a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil em 2009 segundo o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior fazendo cerca de U\$ 36,1 bilhões na corrente de comercio entre os dois países.

Em 2021, a China ocupou o primeiro lugar nos rankings de exportações e importações com o Brasil, respectivamente determinados abaixo:



Dados pelo Siscomex, 2020/2021.

Com superávit no saldo equivalente à U\$40.257 milhões, os principais produtos exportados para a China foram os minérios de ferro e seus concentrados com 33%, a soja com 31%, e os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus com 16%. Dentre as importações se estabelece os equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios com 10%, válvulas e tubos termiônicos, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos e transmissores com 8,1% dentre outros compostos orgânicos e produtos industriais juntos totalizando 10%.

Em uma corrente de comércio adequada ao desenvolvimento industrial brasileiro, é de fato, instigante o desequilíbrio causado pelas trocas comerciais sino-brasileiras, de um lado altas exportações de produtos minerais e agrícolas, do mais matérias primas, para o fornecimento de importações de produtos já manufaturados e industrializados para o Brasil.

Por exemplo, olhando os dados fornecidos acima, é visto que há uma maior importação industrializada e uma maior exportação mineral/agrícola, dentro disso, é de realce indagável que a partir da continuidade dessas relações o Brasil possa se tornar uma “fazenda” para a China.

Assim, devido ao alto índice de falta de tecnologia de ponta para uma industrialização doméstica brasileira, essa situação pode ser acarreta em uma simples “jogatilha” de produção, ressaltando assim o ciclo de que no Brasil não se produz e incentiva a

comercialização interna devidos aos acordos comerciais chineses fazerem desse ciclo um viés necessário para o poder de compra chinês e a necessidade de compra brasileira.

Em contrapartida as relações sino-brasileiras e de como a China faz do Brasil uma transportadora de suplementos para a venda de produtos já industrializados, no final de 2019 e na balança comercial argentina de 2021, a China desbancou o Brasil em relações comerciais com a Argentina. Isso se deu ao fato de que a pandemia da coronavírus desacelerou as indústrias, setor esse, essencial nas importações brasileiras, porém o setor mineral e agrícola continuou sem grandes desbalanços fazendo com que países que exportam nesse setor acabam-se por intensificá-las as trocas comerciais e conseqüentemente alterando o balanço de poder.

Contudo, essa hipótese pode ser considerada uma via dupla, ao mesmo tempo que incidem em resgatar recursos de matérias primas brasileiras os investimentos chineses no Brasil a partir de 2007 foram mais de 47% de acordo com a webinar internacional promovida pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre a cooperação bilateral entre essas duas potências.

Como na primeira linha do capítulo anterior deste artigo, essa parceria entre o Gigante Asiático e o País monstro da América Latina vem sendo um dos motivos para vigiar de perto essa relação, a partir do pressuposto da China como um país emergente à primeira potência mundial contra os Estados Unidos e o grande debate em torno desses países e a situação em que se é colocada o Brasil nesse triângulo de cooperações.

Vale se dizer que os atritos e semelhanças não serão deixados de lado, mas sim será um motivo de desenvolvimento político e internacional no ano de 2022, onde se acaba um período de instabilidade influenciável pelo COVID-19 e se inicia uma restauração nas economias perdidas e na inserção da competitividade comercial dos Estados.

A relação sino-brasileira não está ameaçada de acabar, mas deve-se ter cuidado na relação de dependência de industrialização que a China oferece ao Brasil. É necessário que, ao invés de buscar fora, trazer os recursos e a partir das atividades desenvolvidas aqui, ter o melhoramento e as referências desses setores em que futuramente o Brasil não precisaria depender tanto do seu parceiro asiático e suas tecnologias de ponta.

A RELAÇÃO COMERCIAL BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Seguindo nas potências mundiais, a outra grande democracia das américas se faz contraditória em relações com o Brasil. Mesmo sendo a maior potência mundial, seu ranking em parceria de exportações e importações com o Brasil desde 2019 permanece em segundo lugar, atrás da China, sua atual maior concorrente na corrida do título de maior potência mundial.

Em 2019 há um déficit de mais de US\$ 520 milhões nas relações brasileiras com as norte americanas, tendo óleos combustíveis como uns dos produtos mais importados pelo Brasil, 17% das importações brasileiras foram dos Estados Unidos. Seguindo, em 2020, o Brasil obteve mais importações do que exportações com os EUA, finalizando num déficit de US\$ -1.016,44 milhões de acordo com o Comexstat.

Com a relação bilateral BRA-EUA desencadeando apenas déficits para o Brasil, a partir da Eleição do atual presidente Jair Bolsonaro, economia e política começaram a andar no mesmo partido. Em seu mandato era claro a afeição do presidente brasileiro com o famoso líder partidário da américa Donald Trump, realizando dentre seus encontros acordos e tratados para um estreitamento da parceria comercial entre os dois países. Da história à atualidade não é de hoje que a relação Brasil- EUA se mostra forte, há alguns anos atrás os Estados Unidos era o principal parceiro comercial do Brasil, mas com as mudanças no mundo e as largas possibilidades de comercio multilateral, a prioridade ficou com as novas chances de ascensão através de novas relações comerciais.

- **Política e comércio: relações entre presidentes e acordos firmados**

Em 2020, Jair Bolsonaro declarou que as relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos acabam de se intensificarem ainda mais. Após um discurso gravado para um evento da Câmara de Comércio Brasil-EUA, anunciou que foram firmados três acordos bilaterais com o Gigante da América. Nestes acordos visam a facilitação de comércio entre os dois países, um outro para práticas regulatórias e o terceiro sendo um tratado de anticorrupção.

Em frase dita pelo presidente brasileiro, ele afirma as chances de uma melhoria na relação de ambos os países: “Esse pacote triplo será capaz de reduzir burocracia e trazer ainda mais crescimento ao nosso comércio bilateral com efeitos benéficos também para o fluxo de investimentos”, buscando também entrelaçar novas portas para o comércio o Brasil pediu o apoio dos Estados Unidos para a entrada na OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico- visando a atração de investimentos nacionais e internacionais.

Insinuando a melhoria nos investimentos e o maior corte nos gastos públicos, visa-se uma reforma administrativa capaz de fornecer melhoria na gestão pública e na economia, reforma esta, que enfrenta dificuldades no congresso para ser votada e realizada.

Dito isso, não é de agora que se ouve que o Brasil pode se tornar mais uma peça descartável para os Estados Unidos. A admiração e ratificações de acordos mais benéficos para os Estados Unidos do que para o Brasil só comprovam que a Grande Potência Mundial se inclina para interesses próprios e deixa de lado os interesses compartilhados.

Em exemplo vívido está a retirada de impostos na importação (feita pelos EUA) sobre cota de etanol americano, foi cortada a taxa de 20% sobre 187,5 milhões de litros originados do Estados Unidos por 90 dias, informação anunciada em 2020 pelo comitê executivo da Camex- Câmara de Comércio Exterior.

Em relações de Estados faz-se necessário o ordenamento de sanções e a partilha de interesses, onde de acordo com PORTER-1985, devem-se existir vantagens competitivas, onde cada um consiga intensificar na capacidade de produção em algo onde trará uma diferença significativa em relação ao outro concorrente, explícita em seu livro *“Vantagem Competitiva- Criando e Sustentando um Desempenho Superior”*. Com isso o Brasil tem que se ater à uma relação favorável para o país e não criando estratégias de aberturas para a intensificação de interesses comerciais somente benéficos ao seu parceiro em questão.

Em 2021, com a derrota nas urnas norte americanas do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump e a nova ascensão de Joe Biden, as relações entre o presidente norte americano e o atual presidente Jair Bolsonaro encontra dificuldades nas imposições quanto à forma de governo do presidente brasileiro. O atual presidente

americano afirma o descuido com o bioma brasileiro e analistas refletem na possibilidade de um recuo nas parcerias BRA-EUA.

Todavia, o presidente brasileiro afirma que estará disposto a continuar as relações bilaterais entre os dois países e até afirmou “Se o Biden me convidar, estarei nos EUA com o maior prazer”, disse o presidente após perguntas sobre o desgaste diplomático após visitas na Rússia em meio conflito com a Ucrânia.

Dentre todas as possíveis possibilidades, resta-nos esperar que as relações do Brasil com os Estados Unidos se firmem com possibilidades de desenvolvimento doméstico e internacional para ambos os lados, intensificando na parceria comercial e realizando planos de estratégias referentes aos interesses entre esses parceiros comerciais de longa data.

A RELAÇÃO COMERCIAL BRASIL E ARGENTINA

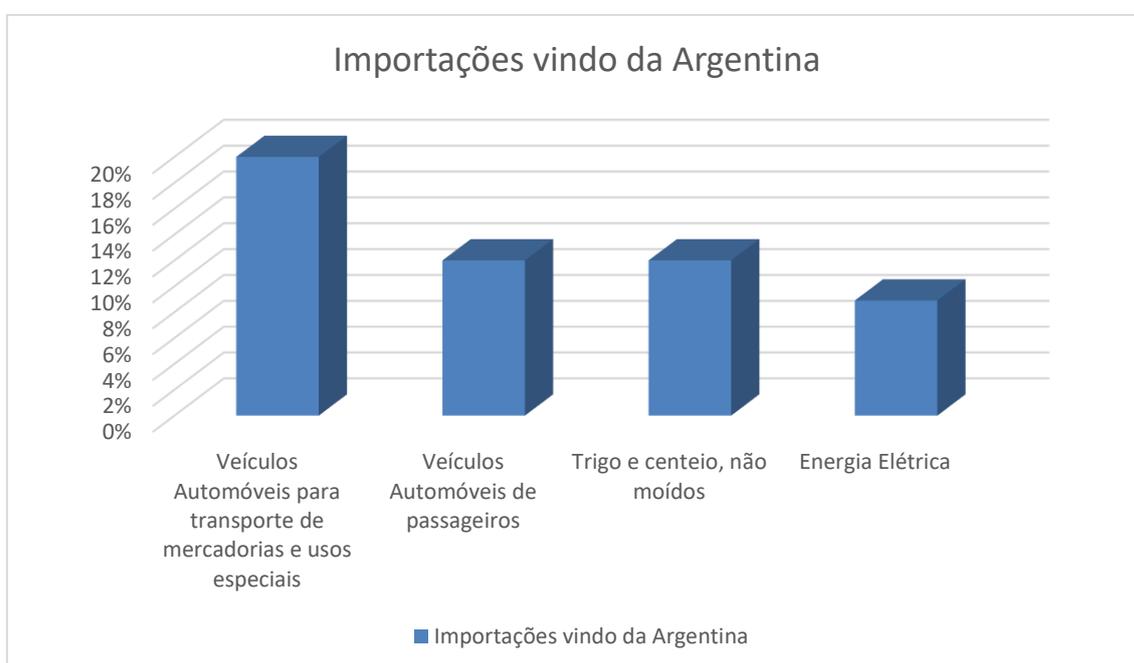
Passando para o terceiro país que em 2021 foi o top 3 dos que mais fizeram importações e exportações com o Brasil, está a Argentina. Ocupando um espaço de importância, o nosso parceiro comercial latino se faz necessário para o desenvolvimento brasileiro, tanto em quesito de apoio internacional como no quesito de atuação regional.

A relação dos grandes vizinhos do sul não começa agora, desde a independência de ambos, há avanços e recuos nas relações “Argen-brasileiras”. Vindo de uma compartilhada desconfiança devido aos antecedentes europeus, a partir da década de 80, onde aconteceu a Guerra das Malvinas (1982), e o Brasil serviu apoio tácito ao exército argentino, há um estopim para que abajassem as desconfianças e começassem a trabalhar em conjunto para o desenvolvimento em suas nações.

No início dos anos 1990 é que começa uma nova era para os países latino-americanos: a criação do MERCOSUL. Primeiro como uma união aduaneira e posteriormente virando um mercado comum e tendo como uns de seus países membros o Brasil e a Argentina. Em um exemplo em que pode se ver a relação compartilhada entre os dois, aparece a negociação da criação da usina de Itaipu, em que mesmo com ideias e interesses conflitados entre os países sediadores, tudo foi resolvido com acordos diplomáticos.

Através das relações internacionais as duas nações começaram a se desenvolver em conjunto e ajuda mútua, e logo em 2020 a Argentina ficou em terceiro lugar no ranking de exportações e em quarto lugar no ranking de importações com o Brasil, com um superávit de US\$ 591,6 milhões de acordo com pesquisa feita pelo Fazcomex.

Logo em 2021, apesar do déficit de US\$ 70,4 milhões, a Argentina se estabelece em 3º lugar tanto em exportações quanto em importações com o Brasil, dentre os produtos mais importados estão os veículos automóveis para transporte de mercadorias e usos especiais, expressados no gráfico abaixo:



Dados fornecidos pelo Comexstat.

No gráfico acima é retratado os principais produtos importados de origem argentina, tendo, além de veículos automóveis tanto de transporte como de passageiros ocupando 32% das importações, trigo e centeio (não moídos) com 12% e logo em seguida energia elétrica com 8,9% dos produtos importados pelo Brasil.

Isso se deu devido ao governo brasileiro ter facilitado a importação de veículos dos países do MERCOSUL. As mercadorias são montadas no Uruguai, Argentina e no Paraguai, e a partir de 2021 no acordo estabelecido, dará o direito de deixar de entrar no país com o licenciamento de exportação, onde que, de acordo com o Ministério da Economia esse controle será feito depois, conseqüentemente deixando a realização mais rápida e mais barata.

Tais mudanças refletem no compromisso brasileiro diante do acordo firmado com a OMC sobre facilitação de comércio, anunciou a Secex do Ministério da Economia.

Mesmo estando em 3º lugar no ranking da balança comercial do Brasil, a Argentina sempre teve o país brasileiro como seu 1º parceiro comercial em exportações e importações, no final de 2019 fortes relações se estabeleceram entre o grande dragão asiático e o país argentino, resultando logo em 2021, onde a China passou o Brasil em relações comerciais com a Argentina ficando em primeiro lugar na competição do comércio exterior, explicado no segundo tópico deste artigo.

Nesta relação de parceria entre os vizinhos da América Latina, se deparou com, não só a instabilidade devido a pandemia do COVID-19, mas também com os conflitos de ideia do atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro e o governo argentino nas relações bilaterais de interesses.

O desejo de proximidade aos Estados Unidos por parte do Brasil e o menor esboço de interesse em manter algumas relações comerciais com a Argentina e os países do MERCOSUL, nos leva a um recuo da parceria latino-americana, tão fortalecida ao longo dos anos.

Contudo, a inserção na corrida para a restauração das economias internacionais leva a uma possibilidade de apoio perante as nações, e como de acordo com KEOHANE E NYE (1989) em seu livro *“Poder e Interdependência”* expressa a interligação entre atores, políticas e suas escolhas. Consideram as diferentes formas de evolução através da cooperação internacional. Cooperação esta, necessária para a volta por cima que o mundo se fez necessário em fazer com a crise na economia e a pandemia do coronavírus (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No geral, o comércio brasileiro sempre foi muito amplo e multilateral. China, Estados Unidos e Argentina são apenas alguns dos países em que o Brasil se impõe em fazer parcerias, estes na verdade foram os principais em 2021, mas nada se sabe de 2022. Algum país poderia vir a entrar no top 3 do ranking brasileiro e desbancar um desses três, o comércio é incerteza e concorrência, é o sinônimo de necessidade e a procura para a fluência.

Fluência esta, necessária para a volta da economia de onde se parou. A instabilidade internacional se fez amiga do comércio e inimiga do equilíbrio mundial, em uma constante luta pela sobrevivência nacional os países procuram desdobramentos para a nova inserção na corrida do comércio internacional.

Os desafios que a Covid-19 trouxe para o Brasil foram muitos, dentre eles a adaptação do *home office* nas relações internacionais e domésticas do país. A implementação no trabalho de casa se fez presente nos últimos anos, pela necessidade do distanciamento social novas regras de trabalhos precisaram ser adquiridas.

No comércio exterior as ferramentas que já se eram utilizadas viraram nossas alternativas principais de relações internacionais com os outros países. Esses sistemas que exportadores e importadores usam, assim como, despachantes aduaneiros e órgãos de comércio exterior são: o Portal Siscomex, onde atende de forma mais eficiente a demanda de comércio exterior de forma simplificada e integrada; o Siscomex Importação WEB que se destaca no processo de despacho aduaneiro de importação das mercadorias que entram no Brasil; o Siscomex Carga que é o módulo de controle de carga aquaviária (responsável pela entrada e saída de embarcações nos portos) do Siscomex; o Siscomex Trânsito, operações de trânsitos aduaneiros no Brasil; e Siscomex Mantra, responsável por cargas aéreas vindas do exterior e de cargas em trânsito no território aduaneiro. Esses sistemas ajudaram no comércio exterior entre o Brasil e os seus principais parceiros comerciais, mesmo com a pandemia.

Ademais, neste artigo foram apontadas relações de continuidade entre os parceiros do Brasil. A nova integração comercial entre Brasil, China, Estados Unidos e Argentina trazem novas formas de comércio e o levantamento de importações e exportações, política e regionalismo.

Com a China, nosso piloto nas importações e exportações, o levantamento de dependência industrial deve ser cessado, as possibilidades no mercado interno se o Brasil passar a se fortalecer em industrialização de seus próprios produtos fará o desenvolvimento da economia doméstica, podendo assim produzir em solo nacional o que se é exportado do país asiático, é uma solução desejável, mas que poderá levar algum tempo.

Aos Estados Unidos, as políticas de aproximação se postam em tática para o desenvolvimento nacional brasileiro. A redução da burocracia no comércio exterior e

os acordos anticorrupção trazem resoluções regulatórias para a corrente de comércio entre a América. O equilíbrio entre fanatismo e patriotismo deve ser perseguido, alcançando os benefícios mútuos para os dois países.

No que tange à Argentina, a continuidade dessa integração regional deve ser priorizada, de acordo com a CEPAL -Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe- através da considerável recuperação de importações o MERCOSUL veria um superávit em 2021, e já em 2022 com a recuperação da economia, deve se priorizar o aumento do preço das matérias-primas e não a expansão no volume de exportações. O nosso vizinho latino-americano se faz presente no desenvolvimento regional do Brasil.

Conclui-se então o pressuposto de que o comércio exterior brasileiro precisará de fortes parcerias e estratégias para a volta da economia estagnada em 2019. Os desafios que a COVID-19 causou para o comércio internacional é notável, mas não é impossível a volta por cima, mesmo que vindo de baixo.

Para que a fomentação na corrente de comércio do Brasil progrida, a exportação de commodities deve ser intensificada. E mais, deve ser voltada a atenção na agroindústria, já que, é nela que se faz a maior parte de exportações brasileiras, como o trigo e a soja. Não deixando de lado a industrialização nacional, o caminho que o Brasil deve percorrer é amplo e traz o multilateralismo de escolhas.

Então, revela-se promissor o contexto de pós- pandemia do COVID-19 para o Brasil. Dentre os países da América do Sul ele se encontra em primeiro na inserção na batalha internacional de concorrência e sobrevivência das economias mundiais. As estratégias de interesses serão postas em mesa e conseqüentemente poderão ser estabelecidas.

REFERÊNCIAS

AMCHAM. Brasil e Estados Unidos: tudo o que você precisa saber ao estabelecer Relações Comerciais com os Eua. Disponível em: <<https://www.amcham.com.br/noticias/comercio-externor/brasil-e-estados-unidos-tudo-o-que-voce-precisa-saber-ao-estabelecer-relacoes-comerciais-com-os-eua>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

Bueno Maria Clara Andrade 13º SIEPE. Os Avanços e Retrocessos das Relações Sinobrasileiras nos Governos Lula (2003-10) e Bolsonaro (2019). Disponível em: https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/23146/etp1_resumo_expandido_23146.pdf. Acesso em: 21 de março de 2022.

China Embaixada da República Popular da. Relações Sino-brasileiras. Disponível em: <http://br.china-embassy.org/por/zbqx/>. Acesso em: 22 de março de 2022.

Comercial Governo Federal do Brasil Balança. Superávit de fevereiro é o maior desde 2017 e comércio exterior bate novos recordes. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2022/03/superavit-de-fevereiro-e-o-maior-desde-2017-e-comercio-exterior-bate-novos-records>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Comexstat. Comexvis. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>
Exterior Casa Civil Comércio. Balança comercial tem superávit de 18,4% e chega US\$ 7,53 bilhões no ano. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/marco/balanca-comercial-tem-superavit-de-18-4-e-chega-us-7-53-bilhoes-no-ano>. Acesso em 10 de março de 2022.

Exterior Governo do Brasil Comércio. Superávit da balança comercial sobe 56,7% e chega a US\$ 2,33 bilhões no ano. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2022/02/superavit-da-balanca-comercial-sobe-56-7-e-chega-a-us-2-33-bilhoes-no-ano>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Fazcomex. Exportações do Brasil para os Estados Unidos. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacoes-do-brasil-para-estados-unidos/>. Acesso em 05 de abril de 2022.

Gravidade Economics Online Teoria da. Teoria da Gravidade do Comércio. Disponível em: https://www.economicsonline.co.uk/global_economics/gravity_theory_of_trade.html/. Acesso em: 10 de março de 2022.

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38718&catid=4&Itemid=2. Acesso em 22 de março de 2022.

Ipea. Comércio bilateral Brasil-China cresce 44% e alcança US\$ 125 bilhões em negociações. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38718&catid=4&Itemid=2>. Acesso: 22 de março de 2022.

Notícias G1. Balança comercial: veja ranking dos principais parceiros do Brasil em 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/01/04/balanca-comercial-veja-ranking-dos-principais-parceiros-do-brasil-em-2021.ghtml>>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Oliveira Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/6Lv7CZfX9pcRdrHXffvH93H/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 de março de 2022.

Secex Publicações. Balança Comercial Brasileira Boletim Trimestral. Disponível em: <https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/boletim/boletim_trimestral_atual.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Siscomex Governo Federal. Brasil abre 2022 com recordes de exportações e corrente de comércio. Disponível em: <<http://siscomex.gov.br/brasil-abre-2022-com-recordes-de-exportacoes-e-corrente-de-comercio/>>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Siscomex Governo Federal. Brasil tem recordes de exportações, superávit e corrente de comércio em maio. Disponível em: <<http://siscomex.gov.br/brasil-tem-recordes-de-exportacoes-superavit-e-corrente-de-comercio-em-maio/>>. Acesso em: 10 de março de 2022.

Villela Eduardo V.M. As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/geap/artigos/art4.PDF>>. Acesso em: 21 de março de 2022.

Noticias R7. Brasil e EUA devem assinar pacote comercial na próxima segunda-feira. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/brasil-e-eua-devem-assinar-pacote-comercial-na-proxima-segunda-feira-16102020>>. Acesso em 05 de abril de 2022.

Oeste Revista. Bolsonaro: 'Se o Biden me convidar, estarei nos EUA com o maior prazer'. Disponível em: <<https://revistaoste.com/politica/bolsonaro-se-o-biden-me-convidar-estarei-nos-eua-com-o-maior-prazer/>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

AgênciaBrasil. Governo facilita importação de veículos de outros países do Mercosul. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-09/governo-facilita-importacao-de-veiculos-de-outros-paises-do-mercosul>>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

Fazcomex. Exportações para a Argentina. Disponível em: <<https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacoes-para-argentina/>>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

Sunley Ron Martin e Peter. A economia geográfica de Paul Krugman e suas consequências para a teoria do desenvolvimento regional: uma avaliação crítica. Disponível em: <<file:///C:/Users/paulo/Downloads/ojsadmin,+economia+geografica+paul+Krugman.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

Cuco Fabiano. Trabalho de iniciação científica a relação comercial entre Brasil e Argentina no Mercosul. Disponível em: <<https://www.univali.br/Lists/trabalhosgraduacao/Attachments/823/fabiano.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2022

Fazcomex. Ferramentas para o home office no Comércio Exterior. Disponível em: <<https://www.fazcomex.com.br/blog/ferramentas-para-home-office-no-comercio-exterior/>>. Acesso em: 27 de abril de 2022

CEPAL. Perspectivas do Comércio Internacional da América Latina e do Caribe 2021. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/47637/1/S2100600_pt.pdf>. Acesso em: 29 de abril de 2022.

Reuters Thomson. Efeitos do Coronavírus no comércio internacional. Disponível em: <<https://www.thomsonreuters.com.br/pt/tax-accounting/comercio-exterior/blog/efeitos-do-coronavirus-comercio-internacional.html>>. Acesso em: 29 de abril de 2022.